


II-411,01,29
B: 39.606-0

II-411,1,29

A REVISTA

Bello Horizonte, 1925/1926

patrocínio:

 Metal Leve S.A.

A REVISTA

Fundadores

Carlos Drummond de Andrade
Emílio Moura
Francisco Martins de Almeida
Gregoriano Canedo

Bello Horizonte, 1925/1926

Recado de uma geração

Pedro Nava

Pouca coisa publicada em *A Revista* talvez fosse assinada hoje por seus autores. O que lá aparece são esses mesmos autores como eles eram em 1925. E se olharmos bem essa fotografia verificamos que os traços dos figurantes — alterados, acrescentados, apurados pelo tempo, aparecem na atuação de homens que vieram a fazer parte do pensamento, da *intelligentsia*, da literatura, da política e da administração do Brasil contemporâneo. Naquelas páginas, escritas há cinquenta e três anos está esboçado o recado dessa geração. Isto justifica sua republicação.

Desde 1921 constituiu-se em Belo Horizonte, numeroso grupo de moços integrado pelos nomes de Abgar Renault, Alberto Campos, Carlos Drummond de Andrade, Emilio Moura, Francisco Martins de Almeida, Gabriel de Rezende Passos, Gustavo Capanema Filho, Hamilton de Paula, Heitor Augusto de Souza, João Alphonsus de Guimaraens, João Guimarães Alves, João Pinheiro Filho, Mário Alvares da Silva Campos, Mário Casassanta e Milton Campos. Era o chamado *Grupo do Estrela* — do nome do café em que se reuniam. Dele fez parte desde os primeiros momentos, assim como vieram a completá-lo mais tarde, Ascânio Lopes, Ciro dos Anjos, Dario de Almeida Magalhães, Guilhermino Cesar e Luís Camilo de Oliveira Neto. A aglutinação de personalidades tão diferentes deve-se à amizade que os ligava unanimemente a Alberto Campos, Carlos Drummond de Andrade, Emilio Moura e Milton Campos. Deles alguns já se tinham iniciado na literatura mas os outros eram também, rapazes preocupados com poesia, prosa, arte e filosofia. Muitos foram literatos a vida inteira, dois retomaram essa posição tardiamente e os mais foram inteiramente absorvidos pelas profissões liberais, pelo magistério e pela política.

Em 1924 Belo Horizonte foi visitada por caravana paulista composta por D. Olivia Penteadó, seu genro Gofredo da Silva Teles, a pintora Tarsila do Amaral e mais Blaise Cendrars, Oswald de Andrade, seu filho Oswald (Noné) e por Mario de Andrade. Esse grupo modernista buscou contato com os moços da cidade por intermédio de Carlos Drummond de Andrade que, nessa época, já era poeta e prosador publicado, começando a chamar atenção dos intelectuais renovadores. Esse contato de Cendrars, Tarsila e dos dois Andrades conosco, deu-nos consciência de nossa posição e de sua possível importância — se atuássemos vivamente. A correspondência de Mário de Andrade para nós dá a confirmação do que afirmo, ao mesmo tempo que da preponderância do admirável autor de *Macunaima*, na evolução posterior de nossas idéias e nossa ação. Eu coloco nessa visita dos paulistas o polen de que resultou a criação de *A Revista*.

Todo o plano de sua fundação nasceu de Carlos Drummond de Andrade, Emilio Moura, Francisco Martins de Almeida e Gregoriano Canedo. Exceção do primeiro os tres restantes eram companheiros de casa e habitavam, no tempo, a Pensão Lima, à Avenida João Pinheiro 571. Tenho sido várias vezes incluído entre os fundadores do órgão modernista dos rapazes de Belo Horizonte. Seria uma honra para mim mas isso não é verdade. Os donos da idéia foram os quatro mencionados e só eles. Tomei o bonde andando e soube do que se planejava, numa conversa com Drummond e Emilio. Lembro perfeitamente dessa tarde, no *Estrela* e até da posição da mesa que ocupávamos. Discutia-se o nome da publicação. O Carlos sugeria *A Revista*. Dei meus palpites achando o título um tanto seco. Porque não? "Revista de Arte Moderna" ou "Revista Modernista.". A opinião de Drummond era de que o jornal não devia adiantar um programa na sua designação e ele ficou mesmo ficando simplesmente *A Revista*. Foi o primeiro órgão modernista publicado em Minas, seu primeiro número saio em julho de 1925 — fasto histórico na literatura mineira e brasileira. Nacionalmente, foi o terceiro periódico de arte moderna dado à luz no Brasil — antecedido apenas, por *Klaxon* de maio de 1922 e *Estética* de setembro de 1924.

Além do pessoal da redação, todo de tendência mais que avançada do ponto de vista artístico, *A Revista* foi oportunidade de adesão ao modernismo de companheiros que já não se podiam considerar estreatantes. Mais: suas páginas ficaram abertas aos novos mas, também, aos chamados passadistas, seguindo-se nisto, principalmente à injunção de Mário de Andrade numa carta a Drummond, depois da publicação do primeiro número — "Faça uma revista como *A Revista*, botem bem misturados o modernismo bonito de vocês com o passadismo de outros." Já estava assim desde o primeiro número mas, o segundo e o terceiro acentuam essa determinação. O aspecto material da publicação era simples, de gosto sóbrio, tão bem impresso e diagramado como o permitiam os recursos gráficos do *Diário de Minas* — onde foram compostos os tres números.

A repercussão do periódico foi muito favoravel nos centros modernistas de São Paulo e Rio. Em Belo Horizonte houve reação contra dum pequeno grupo, culminada com o artigo publicado no número de *Avante* do dia 20 de agosto de 1925. Chamou-se "Brotoeja literária" e foi um ataque extremamente pessoal a Carlos Drummond de Andrade, Emilio Moura, Francisco Martins de Almeida e a mim. Fóra disto a impressão nos meios intelectuais conservadores não foi má e contamos com a simpatia, entre outros, de Magalhães Drummond, Alberto Deodato, Abilio Machado, Godofredo Rangel, Pereira da Silva, Orozimbo Nonato, Carlos Góes — que foram colaboradores e principalmente, com a de Arduino Bolivar — que foi para o Modernismo Mineiro o que João Ribeiro tinha sido para o nacional. Deram seu aplauso jornais de Belo Horizonte e do interior do Estado como "Minas Gerais", "Diário de Minas", "O Horizonte", "Gazeta Co-

mercial", "Oeste Jornal", "Monte Carmelo", "Cidade de Patrocínio" e "Estrela do Sul".

Qual o programa de *A Revista*? Não poderemos chegar a uma resposta se analisarmos o pensamento de cada colaborador mas vamos encontra-la estudando a publicação tomada em conjunto, isto é, fazendo uma síntese do que está nos vários artigos e ensaios aparecidos. Ressaltava de início, a preocupação não só literária como a social, com desejo de participação dos moços no nosso processo político. Pregava-se uma posição nacionalista e de pouco crédito às verdades extra-pátria. Aí está o embrião paradoxal, de certas tendências de direita assumidas ulteriormente por algumas figuras do grupo — tendência largamente compensada pelos que penderam depois para a esquerda e para o centro democrático. Não se queria renegar o passado — reclamava-se a conservação de nossos monumentos históricos e artísticos, aplaudia-se o Presidente Melo Viana de quem partio o primeiro gesto nesse sentido, nomeando uma comissão especial para cuidar da preservação dos monumentos de arte sacra de Minas Gerais. Esse carinho pelo testemunho deixado por nossos antepassados, formaria uma opinião que irradiou-se a intelectuais e políticos ligados a nós, que culminaria na benemérita atuação de Gustavo Capanema à frente do Ministério da Educação. Esse nosso admirável companheiro tinha como chefe de seu gabinete Carlos Drummond de Andrade e a eles deve-se a relevância dada a Mário de Andrade e Rodrigo Melo Franco de Andrade na organização do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, delineada pelo primeiro e onde o segundo levou a cabo obra gigantesca de administração que só encontra simile brasileiro, nas de Rio Branco à frente do Itamarati e de Oswaldo Cruz, da nossa Higiene e Saúde Pública. Devemos a Capanema o prestígio que ele deu a Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e Cândido Portinari e o favor com que ele valorizou o gênio dos tres e devemos, principalmente a ele, o primeiro grito da libertação de nossa arquitetura com a construção do edifício do Ministério da Educação. Creio não ir longe demais dizendo que as ligações de nosso grupo com estudantes da Faculdade de Medicina, podem ser apontadas como o elemento fecundante do espírito de Juscelino Kubitschek de Oliveira que, da Prefeitura de Belo Horizonte à Presidência da República, logo chamou para perto de si os conselhos de Lúcio e Niemeyer e ponde nos dar no cerrado os monumentos que descendem do edifício do Ministério da Educação: o conjunto da Pampulha e o prodígio de Brasília — a um tempo obra prima de arquitetura e urbanismo e, depois da construção de Belo Horizonte, a abertura definitiva de nosso oeste à penetração nacional. É um orgulho pensar que o *Grupo do Estrela*, "aqueles rapazes de Belo Horizonte", estão no início de tudo isto.

Eramos profundamente brasileiros, nacionalistas e tradicionalistas — apesar de nossa posição esteticamente avançada. Esses princípios

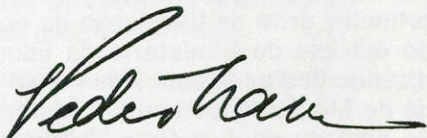
saem das linhas de *A Revista*. O que combatíamos eram as “tradições tumulares”, os “espantalhos acadêmicos”, o passado que nem um apenas museu. Queriamo-lo sempre forte e inspirador do presente e como tanto, delineador do futuro. Renegavamos a ação sapadora dos regionalismos — que viamos com maus olhos.

O grupo mineiro esteve sempre em comunicação e troca de idéias com os do Rio e São Paulo. Infelizmente nosso contato foi menor ou nulo com os da Bahia e Pernambuco de que viemos a tomar conhecimento um pouco tarde. Em Minas podemos considerar como vinculada a nossa atuação, a dos jovens de Cataguazes que formaram um grupo por todos os títulos notável e nos gratificaram com *Verde* — essa publicação que tanto sangue novo trouxe ao Modernismo. Tenho a impressão também, de que fomos indiretamente, a causa do movimento chamado “Leite Crioulo” — que nasceu de leve antagonismo de João Dornas e Aquiles Vivacqua resistindo a certa hegemonia que exercíamos.

Falando em recado do nosso grupo ao Brasil de hoje, já disse o que ele representou política e administrativamente com Gustavo Capanema. Resta alinhar a este o nome de outros companheiros nossos como Abgar Renault, Gabriel Passos e Milton Campos. E precisa dizer alguma coisa mais ou tudo está dito à simples enunciação desses nomes? Também não é preciso dizer qual foi o nosso *recado* literário — senão apontando os daqueles que foram sua voz: Emilio Moura, João Alphonsus de Guimaraens e Carlos Drummond de Andrade.

A origem de todos esses nomes que entraram em nossas histórias política e literária está no *Grupo do Estrela* e *A Revista* é o retrato de alguns deles como eles eram em 1925...

Rio, Gloria, março de 1978.

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Vederhan", with a long horizontal stroke extending to the right.